

## DOSSIÊ MÍSTICA E SUBJETIVIDADE APRESENTAÇÃO

[DOSSIER MYSTICS AND SUBJECTIVITY – PRESENTATION]

### MARCELO MARTINS BARREIRA<sup>i</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-9367-3073>

Universidade Federal do Espírito Santo – Vitória, ES, Brasil

### EDUARDO GUERREIRO BRITO LOSSO<sup>ii</sup>

<https://orcid.org/0000-0002-5050-0957>

Universidade Federal do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Este número da *Revista Terceira Margem* foi dedicado ao tema “Mística e subjetividade”. Os artigos que o compõem debatem um conjunto diverso de desafios e perspectivas teóricas acerca da interface entre mística, arte, religião e problematização do “eu”. Assim, desde uma pluralidade de referenciais teóricos e campos de saber, o eixo temático do dossiê – graças ao caráter paradoxal do mistério e à condição da subjetividade diante do Outro, evocado e inferido pela “experiência mística” – proporciona um amplo arco de percursos hermenêuticos.

No primeiro dos artigos do dossiê, *A experiência mística em Clarice Lispector: ver; comer*, Marcella Assis de Moraes é bem clariciana, no estilo e no conteúdo de seu texto. A subversão da tradição ascético-mística, de matriz platônica, pelo valor do gosto, da comida, da corporeidade e da animalidade, vincula-se ao esvaziamento da racionalidade para se enfatizar a experiência como acesso privilegiado ao mistério. Um ponto central é a associação entre comida/alimentação e sacrifício/violência. Comer o que se despreza fortifica ou seria uma maneira de se vingar? De qualquer modo, na obra *A paixão segundo G.H.*, quando G.H. come a barata, a barata representa o amor pelo mundo, fazendo de seu nada, invisível e silenciado, uma oportunidade político-existencial, pois o ato de comer, a partir de uma alteridade, “não é incorporar, não é internalizar, não é converter em si mesmo”. Logo, em “um modo de relação, que é um modo de um ser existir o outro ser”, manifesta-se o mistério como bênção e não o destino como infortúnio.

Maria José Caldeira do Amaral, no segundo artigo, *Notas sobre a Mística e a Santidade em Georges Bernanos*, aponta, na figura do diabo – duplo de Deus –, uma nossa singularidade a contrapelo. Entre “o absurdo e a graça”, talvez houvéssemos de pensar dostoevskianamente se o Diabo merece misericórdia numa redenção final. Para essa reflexão, Bernanos se implica na escrita. A graça dos santos-personagens de Padre Chevance e Chantal de Clergerie são epifânicos ao próprio escritor. A narrativa evoca a mensagem de que os santos nos julgarão como lhes julgamos. Um mundo mentiroso se escandaliza com o abismo da santidade e não é capaz de reconhecer a liberdade e a verdade dos santos. Maria José mostra como as beguinas Porete e Mechthild e as carmelitas descalças Teresa e Elizabete literalizaram uma realidade que se realiza também pela escrita delas. Nesse jogo de escrita e realidade, o teólogo Hans Urs von Balthasar apreciava a obra de Georges Bernanos. A aliança entre teologia e literatura se situa no limiar de um pensamento novo, isto é, no “não é isso nem aquilo” (Michel de Certeau) da “mística” – uma aliança inovadora diante da rica herança da *abgescheidenheit* de origem agostiniana e da *aphairesis* dionisiana.

O artigo *Subjetividade e demônios nos Padres do Deserto (III e IV d.C.)*, de Marcus Reis Pinheiro, explica de modo sintético, preciso e envolvente a subjetivação monástica dos séculos III e IV d.C. – sobretudo no *Traité pratique* de Evágrio Pôntico – a partir do combate contra os demônios. Seus disfarces do demônio facilitam sua intromissão em nossos pensamentos, exigindo do monge a arte de se autoconhecer e, com atenção (*proséchein*), discernir suas ações para, assim, não transformar em emoções (*páthos*) tais pensamentos intrusivos. A temporalidade diante do trágico da tentação demoníaca estimula o exercício tolerante pelo monge quanto ao limite de permanência da ação desses pensamentos na mente, implicando um tipo de “ecologia psíquica” cultivada resolutiva e autonomamente por ele. Para tanto, não cabem nem a fuga desse conflito intrapsíquico, nem regras universalizáveis, fixas e estáveis na arte singular de discernimento dos espíritos, ao ponto do paradoxo contraintuitivo. Essa arte se desenvolve por cada um na vida agônica e nada monótona do deserto, pois a escrita monástica confronta experiencialmente o desejo e não se configura num mero relato dessa experiência.

Em *Mística como espelhamento de si no além-mundo: a narrativa visionária do Martírio de Perpétua e Felicidade*, Paulo Augusto de Souza Nogueira apresenta a hegemonia da tradição cristã europeia, sobretudo medieval e moderna, acerca da mística

ocidental. No entanto, Paulo Augusto mostra a riqueza histórica da mística e suas outras vertentes interpretativas para além da vertente hegemônica. No cristianismo dos primórdios, a mística visionária e apocalíptica, de “ascensão e contemplação celestial”, é uma dessas vertentes que, apesar de antiga, é paradoxalmente disruptiva diante de certa calcificação da abordagem dominante da mística ocidental. A apocalíptica, para além de uma crítica escatológica do Império Romano, apresenta-se como contraponto ao cristianismo moderno, ressignificando seu sentido e recuperando a sua seiva vital desde sua dimensão originária. No tocante à subjetividade mística, há um “eu” não individualista nos visionários antigos. Uma dissolução de si como movimento de construção subjetiva perpassa as práticas rituais de leitura coletiva de textos fundantes. O texto *Martírio de Perpétua e Felicidade*, do séc. III, ilustra uma performatividade existencial e subjetivante. O corpo martirizado do relato, lido ritual e coletivamente, oportuniza uma experimentação fronteira e transformadora de seus leitores pela imaginação e pela viva e corporal plasticidade de sensações e sentimentos. Há, então, uma liminaridade transformadora pela exaltação celeste, pois essa exaltação não aponta para uma fuga do terrenal, mas para uma transfiguração experiencial de descentramento de si. Na fronteira entre vida e morte, a virtude do martírio é sinal de luta. Como um “espelho invertido” na consciência, o macrocosmo apocalíptico se converte, com o sonho, num potente espelhamento corporal e psíquico de tipo místico, marcando a subjetividade em virtude da comunicação e do entrecruzamento entre morte e plenitude de vida.

O artigo *Heterologia, êxtase, êxodo: notas sobre mística e subjetividade*, de Maria Clara Lucchetti Bingemer, constrói hermeneuticamente uma heterologia (Certeau), ou seja, há nele uma reflexão desde o de fora, o estrangeiro (Kristeva) e o estranho. Nada mais pertinente para se tratar de mística e subjetividade do que esse lugar-outra em que o sujeito se desvela enquanto “a face escondida de nossa identidade...” (Kristeva, 1991, p. 9, *apud* o artigo em tela). O mistério desloca como êxtase (com a tradução de *bliss* por Ana Cristina César e em sintonia com as experiências de Teresa de Ávila e Etty Hillesum) e êxodo (Lévinas e Marion) a subjetividade. Há, então, uma estrangeiridade errante da subjetividade a nos transformar como refugiados de nós mesmos. Vislumbra-se uma interioridade que nos escapa ao surgir a nós como graça teofânica, como condensação “saturada” (Marion) e excessiva do que entendíamos como propriedades de si a serem, portanto, transfiguradas.

O sexto artigo, *Mística cristã e subjetividade*, de Geraldo Luiz De Mori, retoma em sua primeira parte a argumentação de Henrique Cláudio de Lima Vaz em *Experiência mística e filosofia na tradição ocidental*. Depois, segue McGinn ao apresentar a perspectiva de Agostinho como paradigmática para a mística cristã, em especial, por conceber a “filiação divina” no *De Trinitate*. Num outro momento do texto, acompanha a análise histórica de Louth a respeito de pensadores como Dionísio Areopagita, Bernardo de Claraval, Thomas Gallus, o autor de *A nuvem do não saber*; Teresa de Ávila – numa análise em crescente psicologização da mística. O artigo, enfim, retoma Lima Vaz, que entende haver, após o século XVII, uma crise da mística quando se converte em mero “objeto de estudo”, numa “perda do infinito” decadente quanto à sua tradição ocidental, reduzindo-a à erudição de uma pesquisa acadêmica. No entanto, embora concorde com as grandes linhas do livro de Lima Vaz, o texto termina apontando a persistência da mística na contemporaneidade também em muitos que se mantêm na experientiação do sublime.

*Pisando em ovos: leitura de um conto de Clarice Lispector à luz do orfismo*, o penúltimo artigo, de autoria de Cícero Cunha Bezerra, ousa instigar o leitor, numa escrita coloquial e erudita, a realizar certa aproximação entre o conto *O ovo e a galinha*, de Clarice Lispector, com o orfismo. Não à toa, o “pisando em ovos” do título remonta ao necessário cuidado não reducionista de abordagem de literaturas diacrônicas e de gêneros distintos entre si, o que não impede de se traçar possíveis convergências e divergências entre os textos acima. O símbolo psicagógico do “ovo” apresenta o entrelaçamento de duplicidades teórico/prática, natural/sobrenatural, particular/universal e subjetiva/objetiva, segundo Cícero. Por entre tais duplicidades, o mito órfico se diferencia de sua inspiração teogônica para elaborar uma antropogonia de incompletude de tipo experiencial e amorosa (ascético-sexual), assemelhando-se à orgia abnegadora de si e do mundo do ato de comer um ovo no conto de Clarice. O caráter místico-alegórico do conto aponta um “modo pessoal” de ser do “ovo”, pois a experiência de se comer cada ovo não o constitui enquanto objeto universal. A personalidade de seu consumo evoca o mistério de uma existência sem fim, mas como “infinitude da vida que ultrapassa toda individualidade”. Com essa teleologia, Clarice se distingue daquela órfica de uma “superação religioso-prática”.

O oitavo artigo, *A circularidade entre o “dizer” e a “linguagem comum” pelo “volo” a partir de Michel de Certeau e Richard Rorty*, de Marcelo Barreira, aprofunda a dimensão subversiva da enunciação na mística, apropriando-se da complexa ótica de Certeau sobre o tema. O texto preconiza uma democratização “de baixo”, desde os idiotas/marginalizados, concebe uma universalização hermenêutica da mística escorada numa distinção entre a fábula e a posição científica moderna. Daí a problematização rortiana do caráter epistemológico dessa “ciência” em prol de um caráter “edificante” da ótica certeuniana. Caráter que acompanha um tipo audível e experiencial de “língua”, para além de sentenças proposicionais e suas verdades sobre o “real”. Assim, em que pese a circulação de “obras místicas” no século XVI, o autor questiona certas tipologias metafísicas da mística para frisar a inovação linguística e cultural da mística renascentista, notadamente a de João da Cruz, cuja enunciação ética subverte a objetividade do dizer pela indeterminação do *volo*, do “eu quero”.

Por último, em *O horizonte do poder pastoral e o lugar da mística na genealogia do sujeito do desejo em Michel Foucault*, Letícia Tury Guimarães Nascimento e Lucas Bento Pugliesi analisam a obra *O espelho das almas simples* de Marguerite Porete para mostrarem como a mística opera como “contraconduta” ao poder clerical/pastoral, cuja genealogia de subjetivação foi analisada por Michel Foucault. O artigo salienta o viés paradoxalmente político dessa contraconduta, que sintetizaríamos em, ao menos, quatro aspectos: 1) O “diálogo direto” da alma com Deus não passa por mediações teológico-políticas dos sacramentos, em que atua o poder pastoral, sobretudo na confissão auricular; 2) O *ethos* do “modelo identitário” destoa, por sua verticalidade obediencial, da “identidade horizontal” da alma simples. Sua experiência de Deus gera uma sábia ignorância que não se assemelha a uma autonomia da vontade, mas a uma desapropriação de si como aniquilamento: o “eu sem mim”; 3) O apofatismo não nega o uso de metáforas, mas evoca uma “imagem vazia”, como a trazida pela figura do espelho – distinta de uma posição moralizante como àquela ortodoxa e tradicional de Santa Clara de Assis, que usa o espelho para reproduzir em sua vida, segundo o “gênero mimético”, o mesmo conteúdo moral de caráter positivo das virtudes de Cristo; 4) A mística de Porete seria o primeiro processo jurídico-político oficial de condenação por heresia, no entanto, além da ampla divulgação dessa obra no medievo, sua redescoberta ocorreu apenas em 1946 pelas mãos da historiadora Romana Guarnieri.

Finalizo com um agradecimento aos colegas que contribuíram com os artigos deste dossiê, além dos editores-chefes da revista, Danielle Corpas, Lucas Bento Pugliesi, Thiago Rhys Bezerra Cass, e a editora-assistente, Kelly Stenzel Pereira de Souza, a ajuda e orientação no processo de edição.

Muito obrigado e boa leitura!

---

<sup>i</sup> **Marcelo Martins Barreira** é professor do Departamento de Filosofia da Ufes, atua como membro permanente do PPGFil e do Mestrado Profissional em Filosofia/Rede Nacional. **E-mail:** marcelobarreira@ymail.com

<sup>ii</sup> **Eduardo Guerreiro Brito Losso** é professor associado IV de Teoria Literária do Departamento de Ciência da Literatura da UFRJ; membro permanente e vice-coordenador do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da UFRJ. Bolsista PQ1 do CNPq. Atua principalmente nos seguintes temas: indústria cultural, experiência estética, experiência mística, arte de viver, crítica social, sublime, ironia, secularização, êxtase, negatividade e simbolismo. **E-mail:** eduardoguerreiro741@gmail.com